

Homeopatia e saúde

Histórico

A Homeopatia é uma abordagem terapêutica particular, que utiliza remédios extremamente diluídos para estimular a capacidade inata, nas pessoas, de se curar. Ela baseia-se na lei dos “similares”, segundo a qual os remédios podem produzir, em pessoas saudáveis, os mesmos sintomas que curam nos doentes. A Homeopatia apreende o paciente como um todo, de maneira sistemática, utilizando substâncias normalmente presentes no organismo, para restaurar a saúde, nos níveis físico, emocional e mental. A abordagem homeopática surpreende pelas quantidades diminutas de remédios utilizadas – muitas vezes inferiores às concentrações moleculares que os cientistas conseguem medir. Entretanto os efeitos dessas doses mínimas podem ser demonstrados.

A controvérsia gira em torno da acção aparente dessas micro doses, cujas grandes vantagens são os efeitos não colaterais e os custos também mínimos.

Os principais conceitos

A abordagem terapêutica baseada na lei dos “similares” é claramente diferenciada da medicina convencional. A maioria das drogas modernas inibe o crescimento de agentes infecciosos identificados, suprime processos específicos no organismo ou neutraliza os distúrbios fisiológicos. Os processos tidos como responsáveis pela patologia observada e/ou pelas mudanças funcionais são medidos por marcadores celulares ou bioquímicos. Os homeopatas criaram o termo “alopatia” (allos em grego significa oposto) para descrever esses tratamentos que se opõem aos distúrbios fisiológicos subjacentes, do processo mórbido. A alopatia é mais eficaz quando o agente infeccioso subjacente, ou a fisiologia da doença, é entendido e a droga aponta para um esquema bioquímico conhecido.

A terapia de reposição é uma segunda abordagem da medicina moderna, apropriada para as doenças de natureza endócrina, nas quais há uma hipofunção das glândulas, ou condições nutricionais em que vitaminas específicas, minerais ou aminoácidos estão ausentes ou pouco absorvidos. Esse sistema também pressupõe um conhecimento adequado das desordens fisiológicas.

A Isopatia, terceira abordagem convencional, é muito parecida com a Homeopatia. Utiliza doses menores ou atenuadas das substâncias que justamente são responsáveis pela doença, para induzir uma resistência no organismo contra a doença em questão. A dessensibilização e a imunização são exemplos de Isopatia. Embora se entenda a produção de anticorpos protectores no caso de imunização, o mecanismo pelo qual a dessensibilização funciona é menos compreendido; depende de alças complexas de *feedback* do sistema imune.

A lei dos Similares

A lei dos similares, utilizada na Homeopatia, baseia-se em observações estudadas. A substância medicinal administrada às pessoas saudáveis provoca uma série reproduzível de sintomas, no nível mental, emocional e físico. O método para testar os remédios homeopáticos em pessoas saudáveis é chamado de prova (do alemão *prufung*, significando “teste”). A semelhança entre os sintomas do teste de uma substância

medicinal e os sintomas de algum paciente torna o paciente excepcionalmente sensível à acção do medicamento. Uma dose apropriadamente seleccionada do similar, preparado segundo os procedimentos homeopáticos, é capaz de estimular as respostas curativas inatas do organismo. Esta resposta curativa é produzida com efeitos colaterais mínimos e leva, muitas vezes, à eliminação durável dos sintomas, tanto agudos como crónicos, resolvendo também o distúrbio funcional subjacente que os provocou.

A dose diluída, dinamizada e única

Além da lei dos similares, outros aspectos da teoria homeopática são objectos de controvérsia. A mais importante diz respeito às doses diminutas de medicamento. Na Homeopatia, o princípio das doses mínimas estabelece que se deveria utilizar a menor dose possível, repetindo-a com a menor frequência possível. Na verdade, toda a boa prática médica deveria concordar com esse princípio! Mas os homeopatas levaram a ideia da dose mínima até tal ponto que ela desafia qualquer lei da física ou da bioquímica. Os medicamentos homeopáticos são preparados através de diluições seriadas e de agitação. A concentração do medicamento diluído é, muitas vezes, tão baixa que nenhuma molécula é mensurável. Além disso, os medicamentos são administrados, classicamente, em doses únicas, com intervalos que podem variar de minutos até meses.

A totalidade dos sintomas

Fora o princípio da lei dos similares e das doses mínimas, uma terceira característica torna o modelo homeopático diferente do modelo da medicina convencional. O homeopata procura entender a *totalidade dos sintomas*. Ele considera os sinais e os sintomas da doença como uma representação da tentativa do organismo de se tratar a ele próprio. Esses sintomas, em vez de serem vistos como inimigos, são como uma janela que permite ver os esforços do organismo para se tratar. Para aplicar a Homeopatia, o homeopata não precisa conhecer a fisiopatologia subjacente envolvida.

Em outras palavras, a doença já existe num nível dinâmico ou energético, antes do aparecimento de mudanças mensuráveis e observáveis. A doença é, antes de tudo, uma ruptura da energia do sistema. Esta ruptura manifesta-se por sinais e sintomas e produz mudanças moleculares e tissulares. Na prática, o que é curável pela Homeopatia é conhecido através dos sinais e sintomas que o organismo apresenta ao terapeuta durante o exame. Essas mudanças dinâmicas somente podem ser curadas por uma medicina dinâmica. Os medicamentos dinâmicos afectam a energia do sistema, a força vital activa no organismo. Quando essa energia é equilibrada, os sinais e sintomas da ruptura resolvem-se espontaneamente. O medicamento homeopático comunica as informações a esse sistema, que ajuda a auto-regulação.

A medicina convencional tenta apreender a doença através do que é clinicamente observável e pelo conhecimento dos distúrbios fisiopatológicos ocultos do organismo. A categorização das doenças é feita, primeiramente, pela definição do que é comum em pessoas com uma condição patológica determinada, e, depois, pelas medidas objectivas: as amostras patológicas, os marcadores bioquímicos, as imagens radiológicas e a electrofisiologia. As características singulares do paciente são menos importantes. Essa perspectiva levou a um sistema terapêutica que trata mais as condições patológicas do que os próprios pacientes, frequentemente descritos como pacientes despersonalizados.

Os homeopatas, por sua vez, valorizam as características, ou os sintomas individuais subjectivos do paciente (consideram a totalidade dos sintomas). O diagnóstico médico do paciente é menos importante para a prescrição homeopática do que o temperamento do paciente ou as sensações relatadas por ele ou os seus observadores. Os homeopatas descrevem um estado do paciente que precisa ser tratado; descrevem-no como um sinónimo do estado produzido durante as provas com os medicamentos homeopáticos mais similares possíveis. Por isso é possível que pacientes com um certo diagnóstico recebam uma medicação da Matéria Médica Homeopática igual àquela que será administrada a outros, com condições tão diferentes como a enxaqueca ou uma faringite aguda.

Homeopatas modernos, com a sua formação convencional na fisiopatologia básica da doença, operam simultaneamente em duas visões do mundo, reconhecendo os poderes e as limitações de ambos. A cirurgia é necessária quando há distúrbios mecânicos ou quando uma doença subjacente levou a mudanças físicas cuja recuperação pelo organismo é impossível. As terapias convencionais de reposição são essenciais quando os recursos do organismo se tornaram inadequados. As medicações alopáticas salvam muitas vezes a vida, nas doenças agudas; contudo, em muitas condições agudas são usadas em excesso e, nas doenças crónicas, podem produzir efeitos colaterais, que, em certos casos, são quase tão graves quanto a doença subjacente Os.

Avaliação do tratamento homeopático

Na Homeopatia, os resultados são considerados num contexto muito mais amplo do que na medicina alopática. O medicamento similar parece actuar mais na focalização e reforço dos poderes de cura da pessoa inteira, do que atacando ou suprimindo um processo mórbido ou sintoma específico. Em consequência, os pacientes descrevem o tratamento homeopático como tendo efeitos positivos, não apenas em termos de sintomas da doença ou queixa actual, como também em termos de maior vitalidade e bem-estar mental e emocional.

A avaliação da prescrição homeopática é programada segundo intervalos que dependem da urgência do caso e das necessidades do paciente. Em casos agudos, a duração pode ser de minutos ou de horas. Em casos crónicos, o intervalo é, geralmente, de quatro semanas e a entrevista tem a duração, em geral, de 60 minutos, durante os quais as queixas principais do paciente são reexaminadas. Cada sintoma é avaliado: a intensidade diminui ou aumentou? Houve um agravamento dos sintomas após ter tomado a primeira dose? Houve mudanças das queixas secundárias, na energia geral, na sensação de bem-estar, ou nos sintomas mentais e emocionais? A resposta ideal começa, muitas vezes, com um breve período de agravamento, seguido de uma diminuição dos sintomas primários e de melhora simultânea das funções mentais e emocionais. As respostas curativas podem incluir um retorno temporário dos sintomas antigos que irão desaparecer gradativamente, numa ordem específica, isto é, dos mais recentes até aos mais antigos e dos órgãos vitais para os mais superficiais.